



Biblioteca Mundial  
de la Poesía  
UAEMEX



**UAEM**

Universidad Autónoma  
del Estado de México



**Mário Raun de Moraes Andrade**  
**(1893-1945)**  
**O CLÃ DO JABUTI**  
**1927**

**O POETA COME AMENDOIM**  
A CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
(1924)

Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...  
Foi o Sol que por todo o sítio imenso do Brasil  
Andou marcando de moreno os brasileiros.

Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...

A noite era pra descansar. As gargalhadas brancas dos  
mulatos... Silêncio! O Imperador medita os seus versinhos.  
Os Caramurus conspiram na sombra das mangueiras ovais.  
Só o murmurejo dos cre'm-deus-padres irmanava os homens de  
meu país...

Duma feita os canhamboras perceberam que não tinha mais  
escravos, Por causa disso muita virgem-do-rosário se perdeu...

Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta República  
temporã.

A gente inda não sabia se governar...  
Progredir, progredimos um tiquinho  
Que o progresso também é uma fatalidade...  
Será o que Nosso Senhor quiser!...  
Estou com desejos de desastres...  
Com desejos do Amazonas e dos ventos muriçocas  
Se encostando na canjerana dos batentes...  
Tenho desejos de violas e solidões sem sentido  
Tenho desejos de gemer e de morrer.

Brasil...



Mastigado na gostosura quente do amendoim...  
Falado numa língua curumim  
De palavras incertas num remeleixo melado melancólico...  
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...  
Molham meus beijos que dão beijos alastrados  
E depois semitoam sem malícia as rezas bem nascidas...  
Brasil amado não porque seja minha pátria,  
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...  
Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventureiro,  
O gosto dos meus descansos,  
O balanço das minhas cantigas amores e danças.  
Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,  
Porque é o meu sentimento pachorrento,  
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.

**CARNAVAL CARIOCA**  
**A MANUEL BANDEIRA**  
**(1923)**

A fomalha estrala em mascarados cheiros silvos  
Bulhas de cor bruta aos trambolhões,  
Cetins sedas cassas fundidas no riso febril...  
Brasil! Rio de Janeiro!  
Queimadas de verão!  
E ao longe, do tição do Corcovado a fumarada das nuvens pelo  
céu.

Carnaval...  
Minha frieza de paulista,  
Policiamentos interiores,  
Temores da exceção...  
E o excesso goitacá pardo selvagem!  
Cafrarias desabaladas  
Ruínas de linhas puras  
Um negro dois brancos três mulatos, despudores...  
O animal desembesta aos botes pinotes desengonços  
No heroísmo do prazer sem máscaras supremo natural.



Tremi de frio nos meus preconceitos eruditos  
Ante o sangue ardendo povo chiba frêmito e clangor.

Risadas e danças  
Batuques maxixes  
Jeitos de micos piricicas  
Ditos pesados, graça popular...  
Ris? Todos riem...

O indivíduo é caixeiro de armarinho na Gamboa.

Cama de ferro curta por demais,  
Espelho mentiroso de mascate  
E no cabide roupas lustrosas demais..  
Dança uma joça repinizada  
De gestos pinchando ridículos no ar.  
Corpo gordo que nem de matrona  
Rebolando embolado nas saias baianas,  
Braço de fora, pelanca pulando no espaço  
E no decote cabeludo cascavéis saracoteando  
Desritmando a forçura dos músculos viris.  
Fantasiou-se de baiana,  
A Baía é boa terra...  
Está feliz.

Entoa à toa a toada safada  
E no escuro da boca banguela  
O halo dos beijos de carmim.  
Vibrações em redor.  
Pinhos gargalhadas e assobios  
Mulatos remeleixos e buduns.  
Palmas. Pandeiros. — Aí, baiana!  
Baiana do coração!  
Serpentinas que saltam dos autos em monóculos curiosos,  
Este cachorro espavorido,  
Guarda-civil indiferente.  
Fiscalizemos as piruetas...  
Então só eu que vi?  
Risos. Tudo aplaude. Tudo canta:  
— Aí, baiana faceira,



Baiana do coração!  
Ele tinha nos beijos sonoros beijando se rindo  
Uma ruga esquecida uma ruga longínqua  
Como esgar duma angústia indistinta ignorante...  
Só eu pude gozá-la.  
E talvez a cama de ferro curta por demais...

Carnaval...  
A baiana se foi na religião de Carnaval  
Como quem cumpre uma promessa.  
Todos cumprem suas promessas de gozar.  
Explodem rencos roucos trilos tchique-tchiques  
E o falsete enguia esguia rabejando pelo aquário multicolor.  
Cordões de machos mulherizados,  
Ingleses evadidos da pruderie,  
Argentinos mascarando a admiração com desdéns superiores  
Degringolando em lenga-lenga de milonga,  
Polacas de indiscutível índole nagô,  
Yankees fantasiados de norte-americanos...  
Coiosada emproada se aturdindo turtuveando  
Entre os carnavalescos de verdade  
Que pererecam pararacas em derengues meneios cantigas,  
chinfrim de gozar!

Tem outra raça ainda.  
O mocinho vai fuçando o manacá naturalizado espanhola.  
Ela se deixa bolinar na multidão compacta.  
Por engano.

Quando aproximam dos polícias  
Como ela é pura conversando com as amigas!  
Pobre do moço olhando as fantasias dos outros,  
Pobre do solitário com o chapéu cai-cai nos olhos!  
Naturalmente é um poeta...

Eu mesmo... Eu mesmo, Carnaval...  
Eu te levava uns olhos novos  
Pra serem lapidados em mil sensações bonitas,  
Meus lábios murmurando de comoção assustada



Haviam de ter puríssimo destino...  
É que sou poeta  
E na banalidade larga dos meus cantos  
Fundir-se-ão de mãos dadas alegrias e tristuras, bens e males,  
Todas as coisas finitas  
Em rondas aladas sobrenaturais.

Ânsia heroica dos meus sentidos  
Pra acordar o segredo de seres e coisas.  
Eu colho nos dedos as rédeas que param o infrene das vidas,  
Sou o compasso que une todos os compassos,  
E com a magia dos meus versos  
Criando ambientes longínquos e piedosos  
Transporto em realidades superiores  
A mesquinhez da realidade.  
Eu bailo em poemas, multicolorido!  
Palhaço! Mago! Louco! Juiz! Criancinha!  
Sou dançarino brasileiro!  
Sou dançarino e danço! E nos meus passos conscientes  
Glorifico a verdade das coisas existentes  
Fixando os ecos e as miragens.  
Sou um tupi tangendo um alaúde  
E a trágica mixórdia dos fenômenos terrestres  
Eu celestizo em eurritmias soberanas,  
Oh encantamento da Poesia imortal!...  
Onde que andou minha missão de poeta, Carnaval?  
Puxou-me a ventania,  
Segundo círculo do Inferno,  
Rajadas de confetes  
hálitos diabólicos perfumes  
Fazendo relar pelo corpo da gente  
Semíramis Marília Helena Cleópatra e Francesca.  
Milhares de Julietas!  
Domitilas fantasiadas de cow-girls,  
Isoldas de pijama bem francesas,  
Alsacianas portuguesas holandesas...  
Geografia  
Êh liberdade! Pagodeira grossa! É bom gozar!  
Levou a breca o destino do poeta,



Barreei meus lábios com o carmim doce dos dela...

Teu amor provinha de desejos irritados,  
Irritados como os morros do nascente nas primeiras horas da  
manhã. Teu beijo era como o grito da araponga,  
Me alumeava atordoava com o golpe estridente viril.  
Teu abraço era como a noite dormida na rede  
Que traz o dia de membros moles mornos de torpor.  
Te possuindo eu me alimentei com o mel dos guarupus,  
Mel ácido, mel que não sacia,  
Mel que dá sede quando as fontes estão muitas léguas além,  
Quando a soalheira é mais desoladora  
E o corpo mais exausto.

Carnaval...

Porém nunca tive intenção de escrever sobre ti...  
Morreu o poeta e um gramofone escravo  
Arranhou discos de sensações...

## I

Em baixo do Hotel Avenida em 1923  
Na mais pujante civilização do Brasil  
Os negros sambando em cadência.  
Tão sublime, tão áfrica!  
A mais moça bulcão polido ondulações lentas lentamente  
Com as arrecadas chispando raios glaucos oiro na luz peluda de  
pó.  
Só as ancas ventre dissolvendo-se em vaivens de ondas em cio.  
Termina se benzendo religiosa talqualmente num ritual.  
E o bombo gargalhante de tostões  
Sincopa a graça da danada.

## II

Na capota franjada com xale chinês  
Amor curumim abre as asas de ruim papelão.  
Amor abandonou as setas sem prestígio  
E se agarra na cinta fecunda da mãe.  
Vênus Vitoriosa emerge de ondas crespas serpentina,  
De ondas encapeladas por mexicanos e marqueses cavalgando



autos perseguidores.  
— Quero ir pra casa, mamãe!

Amor com medo dos desejos...

### III

O casal jovem rompendo a multidão.  
O bando de mascarados de supetão em bofetadas de confete na  
mulher. — Olhe só a boquinha dela!

— Ria um pouco, beleza!

— Come do meu!

O marido esperou (com paciência) que a esposa se  
desvencilhasse do bando de  
máscaras

E lá foram rompendo a multidão.

Ela apertava femininamente contra o seio o braço protetor do  
esposo. Do esposo recebido ante a imponência catedrática da

Lei

E as benção invisíveis — extraviadas? — do Senhor...

Meu Deus...

Onde que jazem tuas atrações?

Pra que lados de fora da Terra

Fugiu a paz das naves religiosas

E a calma boa de rezar ao pé da cruz?

Reboa o batuque.

São priscas risadas

São almas farristas

Aos pinchos e guinchos

Cambeteando na noite estival.

Pierrôs-fêmeas em calções mais estreitos que as pernas,  
gambiaras iluminadas!

Oblatas de confetes no ar,

Incenso e mirra marca Rodo nacional

Açulam raivas de gozar.

O cabra enverga fraque de cetim verde no esqueleto.

Magro magro asceta de longos jejuns difíceis.

Jantou gafanhotos.





E gesticula fala canta.  
Prédicas de meu Senhor...  
Será que vai enumerar teus pecados e anátemas justos?  
A boca dele florirá de bênçãos e perdões...

Porém de que lados de fora da Terra  
Falam agora as tuas prédicas?  
Quedê teus padres?  
Quedê teus arcebispos purpurinos?  
Quedele o tempo em que Felipe Neri  
Sem fraque de cetim verde no esqueleto  
Agarrava a contar as parábolas lindas  
De que os padres não se lembram mais?  
Por onde pregam os Sumés de meu Senhor?  
Aqueles a quem deixaste a tua Escola  
Fingem ignorar que gostamos de parábolas lindas,  
E todos nos pusemos sapeando histórias de pecado  
Porque não tinha mais histórias pra escutar...

Senhor! Deus bom, Deus grande sobre a terra e sobre o mar,  
Grande sobre a alegria e o esquecimento humano,  
Vem de novo em nosso rancho, Senhor!  
Tu que inventaste as asas alvinhas dos anjos  
E a figura batuta de Satanás;  
Tu, tão humilde e imaginoso  
Que permitiste Isis guampuda nos templos do Nilo,  
Que indicaste a bandeira triunfal de Dionísio pros gregos  
E empinaste Tupã sobre os Andes da América...

Aleluia!  
Louvemos o Criador com os sons dos saxofones arrastados,  
Louvemo-Lo com os salpicos dos xilofones nítidos!  
Louvemos o Senhor com os riscos dos reco-recos e os estouros  
do tantã,  
Louvemo-Lo com a instrumentarada crespada do jazz-band!  
Louvemo-Lo com os violões de cordas de tripa e as cordeonas  
imigrantes,  
Louvemo-Lo com as flautas dos choros mulatos e os  
cavaquinhos das serestas



ambulantes!  
Louvemos O que permanece através das festanças virtuosas e  
dos gozos ilegítimos!  
Louvemo-Lo sempre e sobre tudo! Louvemo-Lo com todos os  
instrumentos e  
todos os ritmos!...

Vem de novo em nosso rancho, Senhor!  
Descobrirei no colo dengoso da Serra do Mar  
Um derrame no verde mais claro do vale,  
Arrebanharei os cordões do carnaval  
E pros carlitos marinheiros gigoletes e arlequins  
Tu contarás de novo com tua voz que é ver o leite  
Essas histórias passadas cheias de bons samaritanos,  
Dessas histórias cotubas em que Madalena atapetava com os  
cabelos o teu  
chão...

...Pacapacacapão!... pacapão! pão! pão!...

Pão e circo!  
Roma imperial se escarrapacha no anfiteatro da Avenida.  
Os bandos passam coloridos,  
Gesticulam virgens,  
Semivirgens,  
Virgens em todas as frações  
Num desespero de gozar.

Homens soltos  
Mulheres soltas  
Mais duas virgens fuxicando o almofadinha  
Maridos camaradas  
Mães urbanas  
Meninos  
Meninas  
Meninos  
O de dois anos dormindo no colo da mãe...  
— Não me aperte!  
— Desculpe, Madama!  
Falsetes em desarmonia



Coros luzes serpentinas serpentinas  
Coriscos coros caras colos braços serpentinas serpentinas  
Musalém cirandas Brueghel

— Diacho!

Sambas bumbos guizos serpentinas serpentinas...  
E a multidão compacta se aglomera aglutina mastiga em  
aproveitamentos  
brincadeiras asfixias desejadas delírios sardinhas desmaios  
Serpentinas serpentinas coros luzes sons  
E sons!

YAYÁ, FRUTA-DO-CONDE, CASTANHA-DO-PARÁ!...

Yayá, fruta-do-conde,  
Castanha-do-Pará!...

O préstito passando.

Bandos de clarins em cavalos fogosos.  
Utiaritis aritis assoprando cornetas sagradas.  
Fanfarras fanfarrans  
fenferrens  
finfirrins...  
Forrobodó de cuia!  
Vitória sobre a civilização! Que civilização?... É Baco!

É Baco num carro feito de oiro e de mulheres  
E dez parelhas de bestas imorais.  
Tudo aplaude guinchos berros,  
E sobre o Etna de loucuras e pólvoras  
Os Tenentes do Diabo.  
Alegorias, críticas, paródias  
Palácios bestas do fundo do mar,  
Os alugueis se elevam...  
Os senhorios exigentes...  
Cães! infames! malditos!... ...  
Eu enxerguei com estes meus olhos que inda a Terra há-de  
comer Anteontem as duas mulheres se fantasiando- de lágrimas.  
A mais nova amamentava o esqueletinho.  
Quatro barrigudinhos sem infância,



Os trastes sem concheço  
No lar-de-todos da rua...  
O Solzão ajudava a apoteose  
Com o despejo das cores e calores...

Segue o préstito numa via-láctea de esplendores.  
Presa num palanquim de ônix e pórfito...  
Ota, morena boa!  
Os olhos dela têm o verde das florestas,  
Todo um Brasil de escravos-banzo sensualismos,  
Índios nus balanceando na terra das tabas,  
Cauim curare cachiri  
Cajás... Ariticuns... Pele de Sol!  
Minha vontade por você serpentinando...  
O préstito se vai.

Os Blocos se amontoam me afastando de você...  
Passa o Flor de Abacate,  
Passa o Miséria e Fome, o Ameno Resedá...  
O préstito se vai...

Você também se foi rindo pros outros,  
Senhora dona ingrata  
Coberta de oiro e prata...

Esfuzios de risos...  
Arrancos de metais...  
Schlschlsch monótono das serpentinas...

Monótono das serpentinas...

E a surpresa do fim: Fadiga de gozar.

Claros em torno da gente.  
Bolas de fitas de papel rolando pelo chão.  
Manchas de asfalto.  
Os corpos adquirem de novo as sombras deles.  
Tem lugares no bar.  
As árvores poisam de novo no chão graciosas ordenadas,



Os palácios começam de novo subindo no céu...

Quatro horas da manhã.  
Nos clubes nas cavernas  
Inda se ondula vagamente no maxixe.  
Os corpos se unem mais.  
Tem cinzas na escuridão indecisa da arraiada.  
Já é quarta-feira no Passeio Público.  
Numa sanha final  
Os varredores carnalizam as brisas da manhã  
Com poeiras perfumadas e cromáticas.  
Peri triste sentou na beira da calçada.  
O carro-chefe dos Democráticos  
Sem falação do estandarte  
Sem vida, sem mulheres  
Senil buscando o barracão.  
Democraticamente...  
Aurora... Tchim! Um farfalhar de plumas áureas no ar.  
E as montanhas que nem tribos de guaianás em rapinas de luz  
Com seus cocares de penas de tucano.

O poeta se debruça no parapeito de granito.  
A rodelinha de confete cai do chapéu dele,  
Vai saracotear ainda no samba mole das ondas.

Então o poeta vai deitar.

Lentamente se acalma no país das lembranças  
A invasão furiosa das sensações.  
O poeta sente-se mais seu.  
E puro agora pelo contacto de si mesmo  
Descansa o rosto sobre a mão que escreverá.

Lhe embala o sono  
A barulhada matinal de Guanabara...  
Sinos buzinas clacsons campainhas  
Apitos de oficinas  
Motores bondes pregões no ar,  
Carroças na rua transatlânticos no mar...



É a cantiga-de-berço.  
E o poeta dorme.

O poeta dorme sem necessidade de sonhar.

**COORDENADAS**  
**A COUTO DE BARRA**  
(1924)

**RONDÓ PRA VOCÊ**

De você, Rosa, eu não queria  
Receber somente esse abraço  
Tão devagar que você me dá,  
Nem gozar somente esse beijo  
Tão molhado que você me dá  
Eu não queria só porque  
Por tudo quanto você me fala  
Já reparei que no seu peito  
Soluça o coração bem feito  
De você.

Pois então eu imaginei  
Que junto com esse corpo magro  
Moreninho que você me dá,  
Com a boniteza a faceirice  
A risada que você me dá  
E me enrabicham como o quê,  
Bem que eu podia possuir também  
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,  
O pensamento a alma o desgosto  
De você.

**VIUVITA**

Ela era mesmo bonita, muito moça  
Esperando auto-bonde sozinha na esquina.



Todos os homens a encaravam sem respeito, desejando.

Vai, pra se livrar de tanta amolação  
Ela fez esse gesto de moça que arranja chapéu,  
Só pra mostrar a defesa que tinha no dedo, uma aliança.  
A moça esqueceu que tinha duas alianças no dedo...  
Por causa disso os homens se aproximaram mais.

### **LEMBRANÇAS DO LOSANGO CÁQUI**

Meu Deus como ela era branca!...  
Como era parecida com a neve...  
Porém não sei como é a neve,  
Eu nunca vi a neve,  
Eu não gosto da neve!

E eu não gostava dela...

### **SAMBINHA**

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras.  
Afobadas braços dados depressinha  
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros homens da rua.  
As costureirinhas vão explorando perigos...  
Vestido é de seda.  
Roupa-branca é de morim.

Falando conversas fiadas  
As duas costureirinhas passam por mim.  
— Você vai?  
— Não vou não!  
Parece que a rua parou pra escutá-las.  
Nem os trilhos sapecas  
Jogam mais bondes um pro outro.  
E o Sol da tardinha de abril  
Espia entre as pálpebras sapiroquentas de duas nuvens.



As nuvens são vermelhas.  
A tardinha é cor-de-rosa.

Fiquei querendo bem aquelas duas costureirinhas...

Fizeram-me peito batendo  
Tão bonitas, tão modernas, tão brasileiras!

Isto é...

Uma era ítalo-brasileira.  
Outra era áfrico-brasileira.  
Uma era branca.  
Outra era preta.

### **MODA DOS QUATRO RAPAZES** (CAMPOS DE JORDÃO)

Nós somos quatro rapazes  
Dentro duma casa vazia.

Nós somos quatro amigos íntimos  
Dentro duma casa vazia.

Nós fomos ver quatro irmãos  
Morando na casa vazia.

Meu Deus! si uma saia entrasse  
A casa toda se encheria!

Mas era uma vez quatro amigos íntimos...

### **MODA DO BRIGADEIRO** (CAMPOS DE JORDÃO)

O brigadeiro Jordão  
Possuiu estes latifúndios  
Dos quais o metro quadrado  
Vale hoje uns nove mil reis.





Puxa! que homem felizardo O brigadeiro Jordão!...

Tinha casa tinha pão,  
Roupa lavada e engomada  
E terras... Qual terras! mundos  
De pastos e pinheirais!  
Que troças em perspectiva...  
Nem pensava em serrarias  
Nem fundava sanatórios  
Nem gado apascentaria!  
Vendia tudo por oito  
E com a bolada no bolso  
Ia no largo do Arouche  
Comprar aquelas pequenas  
Que moram numa pensão!

Mas não são minhas as terras  
Do brigadeiro Jordão...

### **ACALANTO DA PENSÃO AZUL (CAMPOS DE JORDÃO)**

Oh héticas maravilhosas  
Dos tempos quentes do Romantismo,  
Maãs coradas olhos de abismo,  
Donas perversas e perigosas,  
Oh héticas maravilhosas!  
Não vos compreendo, sois de outras eras,  
Fazei de pressa o pneumotórax  
Mulheres de Antó e de Dumas Filho!  
E então seremos bem mais felizes,  
Eu sem receio do vosso brilho,  
Vós sem bacilos nem hemoptises,  
Oh héticas maravilhosas!

### **NOTURNO DE BELO HORIZONTE**



*A ELYSIO DE CARVALHO*  
(1924)

Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,  
Calma do noturno de Belo Horizonte...  
O silêncio fresco desfolhadas árvores  
E orvalha o jardim só.  
Larguezas.  
Enormes coágulos de sombra.  
O polícia entre rosas...  
Onde não é preciso, como sempre...  
Há uma ausência de crimes  
Na jovialidade infantil do friozinho.  
Ninguém.  
O monstro desapareceu.  
Só as árvores do mato-virgem  
Pendurando a tapeçaria das ramagens  
Nos braços cabindas da noite.

Que luta pavorosa entre floresta e casas...  
Todas as idades humanas  
Macaqueadas por arquiteturas históricas  
Torres torreões torrinhas e tolices  
Brigaram em nome da?  
Os mineiros secundam em coro:  
— Em nome da civilização!  
Minas progride.  
Também quer ter também capital moderníssima também...  
Pórticos gregos do  
Instituto de Radio  
Onde jamais Empédocles entrará...  
O Conselho Deliberativo é manuelino,  
Salão sapiente de Manuéis-da-hora...  
Arcos românicos de São José  
E a catedral que pretende ser gótica...  
Pois tanto esquecimento da verdade!  
A terra se insurgiu.



O mato invadiu o gradeado das ruas,  
Bondes sopesados por troncos hercúleos,  
Incêndio de Cafés,  
Setas inflamadas,  
Comboio de trânsfugas pra Rio de Janeiro,  
A ramaria crequenta cegando as janelas  
Com a poeira dura das folhagens...  
Aquele homem fugiu.  
A imitação fugiu.  
Clareiras do Brasil, praças agrestes!...  
Paz.

O mato vitorioso acampou nas ladeiras.  
Suor de resinas opulentas.  
Grupos de automóveis.  
Baitacas e jandaias do rosal.  
E o noturno apagando na sombra o artifício e o defeito  
Adormece em Belo Horizonte  
Como um sonho mineiro.  
Tem festas do Tejuco pelo céu!  
As estreias baralham-se num estardalhaço de luzes.  
O Sr. barão das Catas-Altas  
Reúne todas as constelações  
Pra fundir uma baixela de mundos...  
Bulício de multidões matizadas...  
Emboabas, carijós, espanhóis de Felipe IV...  
Tem baianos redondos...  
Dom Rodrigo de Castelo Branco partirá!...  
Lumeiro festival... Gritos... Tocheiros...  
O Triunfo Eucarístico abala chispeando...  
Os planetas comparecem em pessoa!  
Só as magnólias — que banzo dolorido! —  
As carapinhas fofas polvilhadas  
Com a prata da Via-Láctea  
Seguem pra igreja do Rosário  
E pro jongo de Chico-Rei...

Estrelas árvores estreias  
E o silêncio fresco da noite deserta.



Belo Horizonte desapareceu  
Transfigurada nas recordações.

... Minas Gerais, fruta paulista...  
Ouvi que tem minas ocultas por cá...  
Mas ninguém mais conhece Marcos de Azevedo,  
Quedê os roteiros de Robério Dias?

Prata

Diamantes cascadeantes  
Esmeraldas esmeraldas esperanças!...  
Não são esmeraldas, são turmalinas bem se vê:

A casinha de taipa a beira-rio.  
Canoa abicada na margem,  
A bruma das monções,  
Mais nada.  
Os galhos lavam matinalmente os cabelos  
Na água barrenta indiferente.  
As ondas sozinhas do Paraíba  
Morrem avermelhadas mornas cor-de-febre.

E a febre...

Não sejamos muito exigentes.  
Todos os países do mundo  
Tem os seus Guaicuis emboscados  
No sossego das ribanceiras dolentes.  
As carneiradas ficavam pra trás...  
O trem passava apavorado.  
Só parou muito longe na estação  
Pra que os romeiros saudassem  
Nosso Senhor da Boa-Viagem.

Ele ficava imóvel na beira dos trilhos  
Amarrado à cegueira.  
Trazia só os molambos necessários  
Como convém aos santos e  
Aos avarentos.

Porém o netinho corria junto das janelas dos vagões  
Com o chapéu do cego na mão.  
Quando a esmola caía — com que triunfo! — o menino gritava:



— Pronto! Mais uma!  
Então lá do seu mundo Nosso Senhor abençoava:  
— Boa viagem.

Examina a carne do teu corpo.  
Apesar da perfeição das estradas-de-ferro  
E da inflexível providencia dos horários,  
Encontros descarrilamentos mortes...  
Pode ser!...

As esmolos tombavam.

— Pronto! Mais uma!

— Boa viagem.

Minas Gerais de assombros e anedotas...  
Os mineiros pintam diariamente o céu de azul  
Com os pincéis das macaúbas folhudas.

Olhe a cascata lá!

Súbita bombarda.

Talvez folha de arbusto,  
Ninho de teneném que cai pesado,  
Talvez o trem, talvez ninguém...

As águas se assustaram  
E o estouro dos rios começou.

Vão soltos pinchando rabanadas pelos ares,  
Salta aqui salta cone vira volta pingo grito  
Espumas brancas alvas

Fluem bolhas bolas,

Itoupavas altas...

Borbulham bulhando em murmúrios churriantes  
Nas bolsas brandas largas das enseadas lânguidas...

De supetão fosso.

Mergulho.

Uivam tombando.

Desgarram serra abaixo.

Rio das Mortes

Paraopeba

Paraibuna,

Mamotes brancos...

E o Arassuí de Fernão Dias...



Barafustam vargens fora  
Até acalmarem muito longe exânimes  
Nas polidas lagoas de cabeça pra baixo.

Rio São Francisco o marroeiro dos matos  
Pariu levando o rebanho pro norte  
Ao aboio das águas lentamente.  
A barcaça que ruma pra Juazeiro  
Desce ritmada pelos golpes dos remeiros.  
Na proa, o olhar distante a olhar, Matraca o dançador:

“Meu pangaré arreado,  
Minha garrucha laporte,  
Encostado no meu bem  
Não tenho medo da morte.  
Ah!...”

Um grande Ah!... aberto e pesado de espanto  
Varre Minas Gerais por toda a parte...  
Um silêncio repleto de silêncio  
Nas invernadas nos araxás  
No marasmo das cidades paradas...  
Passado a fuxicar as almas,  
Fantasmas de altares, de naves doiradas  
E dos palácios de Mariana e Vila Rica...  
Isto é: Ouro Preto.  
E o nome lindo de São José d’El Rei mudado num odontológico  
Tiradentes...  
Respeitemos os mártires.

Calma do noturno de Belo Horizonte...  
As estreias acordadas enchem de Ahs!... ecoantes o ar.  
O silêncio fresco despenca das árvores.  
Veio de longe, das planícies altas,  
Dos cerrados onde o guache passa rápido...  
Vvvvvvv... passou.  
Passou talqual o fausto das paragens de ouro velho...  
Minas Gerais, fruta paulista...  
Fruta que apodreceu.



Frutificou mineira! Taratá!  
Há também colheitas sinceras!  
Milharais canaviais cafezais insistentes  
Trepadeirando morro acima.  
Mas que chãos sovinas como o mineiro-zebu!  
Dizem que os baetas são agarrados...  
Não percebi, graças a Deus!  
Na fazenda do Barreiro recebem opulentamente.  
Os pratos nativos são índices de nacionalidade.  
Mas no Grande Hotel de Belo Horizonte servem à francesa.  
Et bien! Je vous demande um toutou!  
Venha a batata-doce e o torresmo fondant!  
Carne-de-porco não!  
O médico russo afirma que na carne-de-porco andam micróbios  
de loucura...  
Basta o meu desvairismo!  
E os pileques  
Quase pileques  
Salamaleques  
Da caninha de manga!...

Taratá! Quero a couve mineira!  
Minas progride!  
Mãos esqueléticas de máquinas britando mineiros,  
As estradas-de-ferro estadas-de-rodagem  
Serpenteiam teosoficamente fecundando o deserto...  
Afinal Belo Horizonte é uma tolice como as outras.  
São Paulo não é a única cidade arlequinal.  
E há vida há gente, nosso povo tostado.  
O secretário da Agricultura é novo!  
Fábricas de calçados  
Escola de Minas no palácio dos Governadores.  
Na Casa dos Contos não tem mais poetas encarcerados,  
Campo de futebol em Carmo da Mata,  
Divinópolis possui o melhor chuveiro do mundo,  
As cunhãs não usam mais pó de oiro nos cabelos,  
Os choferes avançam no bolso dos viajantes,



Teatro grego em São João d'El Rei  
Onde jamais Eurípides será representado...  
Ninguém mais para nas pontes, Critilo, N  
ovidadeirando sobre damas casadas.  
Tenho pressa! Ganhemos o dia!  
Progresso! Civilização!  
As plantações pendem maduras.  
O morfético ao lado da estrada esperando automóveis  
Cheiro fecundo de vacas,  
Pedreiras feridas,  
Eletricidade submissa...  
Minas Gerais sáxia e atualista  
Não resumida às estações-termais!  
Gentes do Triângulo Mineiro, Juiz de Fora!  
Força das xiriricas das florestas e cerrados!  
Minas Gerais, fruta paulista!...

Alegria da noite de Belo Horizonte!  
Há uma ausência de males  
Na jovialidade infantil do friozinho.  
Silêncio brincalhão salta das árvores,  
Entra nas casas desce as ruas paradas  
E se engrossa agressivo na praça do Mercado.  
Vento florido roda pelos trilhos.  
Vem de longe, das grotas preistoricas...  
Descendo as montanhas  
Fugiu dos despenhadeiros assombrados do Rola-Moça

Estremeção brusco de medo.  
Pavor.  
Folhas chorosas de eucaliptos. Sino bate.  
Ninguém.  
A solidão angustiosa dos píncaros...  
A paz chucra ressabiada das gargantas da montanha...

A serra do Rola-Moça  
Não tinha esse nome não...  
Eles eram do outro lado,  
Vieram na vila casar.





E atravessaram a serra,  
O noivo com a noiva dele  
Cada qual no seu cavalo.

Antes que chegasse a noite  
Se lembraram de voltar.  
Disseram adeus pra todos  
E puseram-se de novo Pelos atalhos da serra  
Cada qual no seu cavalo.

Os dois estavam felizes,  
Na altura tudo era paz.  
Pelos caminhos estreitos  
Ele na frente ela atrás.  
E riam. Como eles riam!  
Riam até sem razão.

A serra do Rola-Moça  
Não tinha esse nome não.

As tribos rubras da tarde  
Rapidamente fugiam  
E apressadas se escondiam  
Lá em baixo nos socavões  
Temendo a noite que vinha.  
Porém os dois continuavam  
Cada qual no seu cavalo,  
E riam. Como eles riam!  
E os risos também casavam  
Com as risadas dos cascalhos  
Que pulando levianinhos  
Da vereda se soltavam  
Buscando o despenhadeiro.  
Ah, Fortuna inviolável!  
O casco pisara em falso.  
Dão noiva e cavalo um salto  
Precipitados no abismo.  
Nem o baque se escutou.  
Faz um silêncio de morte.



Na altura tudo era paz...  
Chicoteando o seu cavalo,  
No vão do despenhadeiro  
O noivo se despenhou.

E a serra do Rola-Moça  
Rola-Moça se chamou.

Eu queria contar as histórias de Minas  
Pros brasileiros do Brasil...

Filhos do Luso e da melancolia,  
Vem, gente de Alagoas e de Mato Grosso,  
De norte e sul homens fluviais do Amazonas e do rio Paraná...  
E os fluminenses salinos  
E os guascas e os paraenses e os pernambucanos  
E os vaqueiros de couro das caatingas  
E os goianos governados por meu avô...  
Teutos de Santa Catarina,  
Retirantes de língua seca,  
Maranhenses paraibanos e do Rio Grande do Norte e do Espírito  
Santo  
E do Acre, irmão caçula,  
Toda a minha raça morena!  
Vem, gente! vem ver o noturno de Belo Horizonte!  
Sejam comedores de pimenta  
Ou de carne requentada no dorso dos pigarços petiços,  
Vem, minha gente!  
Bebedores de guaraná e de açai,  
Chupadores do chimarrão,  
Pinguços cantantes, cafesistas ricaços,  
Mamíferos amamentados pelos cocos de Pindorama,  
Vem, minha gente, que tem festas do Tejuco pelo céu!  
Bárbara Heliódora desgrenhada louca  
Dizendo versos desce a rua Pará...  
Quem conhece as ingratidões de Marília?  
Juro que foi Nosso Senhor Jesus Cristo Ele mesmo  
Que plantou a sua cruz no adro das capelas da serra!  
Foi Ele mesmo que em São João d'El Rei



Esculpiu as imagens dos seus santos...  
E há histórias também pros que duvidam de Deus...

O coronel Antônio de Oliveira Leitão era casado com dona Branca Ribeiro do Alvarenga, ambos de orgulhosa nobreza vicentina. Porém nas tardes de Vila Rica a filha deles abanava o lenço no quintal... — “Deve ser a algum plebeu, que não há moços nobres na cidade...” E o descendente de cavaleiros e de capitãesmores não quer saber de mésalliances. O coronel Antônio de Oliveira Leitão esfaqueou a filha. Levaram-no preso pra Baía onde foi decapitado. Pois dona Branca Ribeiro do Alvarenga reuniu todos os cabedais. Mandou construir com eles uma igreja pra que Deus perdoasse as almas pecadoras do marido e da filha.

Meus brasileiros lindamente misturados,  
Si vocês vierem nessa igreja dos Perdões  
Rezem três ave-marias ajoelhadas  
Pros dois desinfelizes.  
Creio que a moça não carece muito delas  
Mas ninguém sabe onde está o coronel...  
Credo!

Mas não há nada como histórias pra reunir na mesma casa...  
Na Arábia por saber contar histórias  
Uma mulher se salvou...  
A Espanha estilhaçou-se numa poeira de nações americanas  
Mas sobre o tronco sonoro da língua do ão  
Portugal reuniu 22 orquídeas desiguais.  
Nós somos na Terra o grande milagre do amor.

Que vergonha si representássemos apenas contingência de  
defesa  
Ou mesmo ligação circunscrita de amor...  
Porém as raças são verdades essenciais  
E um elemento de riqueza humana.  
As pátrias têm de ser uma expressão de Humanidade.

Separadas na guerra ou na paz são bem pobres



Bem mesquinhos exemplos de alma  
Mas compreendidas juntas num amor consciente e exato  
Quanta história mineira pra contar!

Não prego a guerra nem a paz, eu peço amor!  
Eu peço amor em todos os seus beijos,  
Beijos de ódio, de cópula ou de fraternidade.  
Não prego a paz universal e eterna, Deus me livre!  
Eu sempre contei com a imbecilidade vaidosa dos homens  
E não me agrandam os idealistas.  
E temo que uma paz obrigatória  
Nos fizesse esquecer o amor  
Porquê mesmo falando de relações de povo e povo  
O amor não é uma paz  
E é por amor que Deus nos deu a vida...  
O amor não é uma paz, bem mais bonito que ela,  
Porque é um complemento!...

Nós somos na Terra o grande milagre do amor!  
E embora tão diversa a nossa vida  
Dançamos juntos no carnaval das gentes,  
Bloco pachola do “Custa mas vai!”

E abre alas que Eu quero passar!  
Nós somos os brasileiros auriverdes!  
As esmeraldas das araras  
Os rubis dos colibris  
Os abacaxis as mangas os caju  
Atravessam amorosamente  
A fremente celebração do Universal!

Que importa que uns falem mole descansado  
Que os cariocas arranhem os erres na garganta  
Que os capixabas e paroaras escancarem as vogais?  
Que tem si o quinhentos reis meridional  
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?  
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas,  
Brasil, nome de vegetal!...



O bloco fantasiado de histórias mineiras  
Move-se na avenida de seis renques de árvores...  
O Sol explode em fogaréus...  
O dia é frio sem nuvens, de brilhos vidrilhos...  
Não é dia! Não tem Sol explodindo no céu!  
É o delírio noturno de Belo Horizonte...  
Não nos esqueçamos da cor local:  
Itacolomi... Diário de Minas... Bonde do Calafate...  
E o silêncio... sio... sio... Quiriri...

Os seres e as coisas se aplainam no sono.  
Três horas.  
A cidade oblíqua  
Depois de dançar os trabalhos do dia  
Faz muito que dormiu.

Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das ladeiras.  
De longe em longe gritam solitários brilhos falsos  
Perfurando o sombra! das figueiras:  
Berenguendéns berloques ouropéis de Oropa consagrada  
Que o goianá trocou pelas pepitas de oiro fino.  
Dorme Belo Horizonte.

Seu corpo respira de leve o aclave vagarento das ladeiras...  
Não se escuta sequer o ruído das estrelas caminhando...  
Mas os poros abertos da cidade  
Aspiram com sensualidade com delícia  
O ar da terra elevada.  
Ar arejado batido nas pedras dos morros,  
Varado através da água trançada das cachoeiras,  
Ar que brota nas fontes com as águas  
Por toda a parte de Minas Gerais.

## **O RITMO SINCOPADO**

A TARSILA  
(1923 a 1926)

## **ARRAIADA**



### Manhãzinha

A italiana vem na praia do ribeirão.  
Vem derreada e com a sombra do sono no canto dos olhos.  
Põe a trouxa de roupas na lapa  
E erguida fica um momentinho assim no Sol.  
A narina dela mexe que nem peito de rolinha.  
Mastiga a boca sem lavar  
Que tem um visgo de banana e de café.  
Respira.  
Afinal se espreguiça  
Erguendo pros anjos o colo criador.

### TOADA DO PAI-DO-MATO (ÍNDIOS PARECIS)

A moça Camalalô  
Foi no mato colher fruta  
A manhã fresca de orvalho  
Era quase noturna.  
— Ah...  
Era quase noturna...

Num galho de tarumã  
Estava um homem cantando.  
A moça sai do caminho  
Pra escutar o canto.  
— Ah  
Ela escuta o canto...

Enganada pelo escuro  
Camalalô fala pro homem:  
Ariti, me dá uma fruta  
Que eu estou com fome.  
— Ah...  
Estava com fome...

O homem rindo secundou:  
— Zuimaalúti se engana,



Pensa que sou ariti?  
Eu sou Pai-do-Mato.

Era o Pai-do-Mato!

### TEMPO DAS ÁGUAS

O gado estava amoitando na capoeira  
Agora é a gupiara agachada lombo do morro  
Vazia que não tem mais fim.

De repente faz cócega na cara da gente  
A mão de chuva do vento.  
Tempo perdido se afobar,  
Ela já vem na cola do liburno.  
Olhe a folhinha seca.

Salta que salta ressabiada, corcoveia,  
Desembestou que nem potranca chucra pasto fora.  
Você quase nem tem tempo de vestir a capa boa  
E despenca a chuva de Deus.

O espaço num átimo se enche de ar leviano  
E a água lava até a espinha da gente  
E encrespa a crina do animal.  
Que gostosura!

Você rejeita o forde da fazenda na porteira  
E continua tchoque-tchoque na tijuqueira peguenta da estrada.

Em casa,  
No brim novo com cheiro de ribeirão  
Você deita na rede da varanda,  
Chupita o traço da abrideira...  
E se conversa.

E se conversa sobre a baixa do café.

### POEMA



Neste rio tem uma iara...

De primeiro o velho que tinha visto a iara  
Contava que ela era feiosa, muito!  
Preta gorda manquitola ver peixe-boi.  
Felizmente velho já morreu faz tempo.  
Duma feita, madrugada de neblina U  
m moço que sofria de paixão  
Por causa duma índia que não queria ceder pra ele,  
Se levantou e desapareceu na água do rio.  
Então principiaram falando que a iara cantava, era moça,  
Cabelos de limo verde do rio...  
Ontem o piá brincabrincando  
Subiu na igara do pai abicada no porto,  
Botou a mãozinha na água funda  
E vai, a piranha abocanhou a mãozinha do piá.

Neste rio tem uma iara...

### **TOSTÃO DE CHUVA**

Quem é Antônio Jerônimo? É o sitiante  
Que mora no Fundão  
Numa biboca pobre. É pobre. Dantes  
Inda a coisa ia indo e ele possuía  
Um cavalo cardão.  
Mas a seca batera no roçado...  
Vai, Antônio Jerônimo um belo dia  
Só por debique de desabusado  
Falou assim: “Pois que nosso padim  
Pade Ciço que é milagreiro, contam,  
Me mande um tostão de chuva pra mim!”  
Pois então nosso “padim” padre Cícero  
Coçou a barba, matutando e disse:  
“Pros outros mando muita chuva não,  
Só dois vinténs. Mas pra Antônio Jerônimo  
Vou mandar um tostão”.  
No outro dia veio uma chuva boa





Que foi uma festa pros nossos homens  
E o milho agradeceu bem. Porém  
No Fundão veio uma trovoada enorme  
Que num átimo virou tudo em lagoa  
E matou o cavalo de Antônio Jerônimo.  
Matou o cavalo.

### **LENDA DO CÉU**

Andorinha, andorinha,  
Andorinha avoou,  
Andorinha caiu,  
Curumim a pegou.

— Piá, não me maltrata não!  
Eu levo você pro mato  
Enxergar bichos tamanhos  
E correr com os guanumbis...

O menino brincava,  
Andorinha sofria  
E dum lado pra outro  
Atordoadá gemia:

— Piá, não me maltrata não!  
Eu levo você pro mar  
Ver as ondas ver as praias  
Ver os peixinhos do mar...

O menino malvado  
Taperá machucou.  
E já morre morrendo  
A coitada falou:

— Piá, não me maltrata não...  
Eu levo você pro céu...  
E nunca ninguém não cansa



De ver as coisas do céu...  
É um sítio bonito mesmo  
Beiradeando o trem-de-ferro,  
Lá você acha sua gente  
Que faz muito que morreu.  
Assegura em minhas penas,  
Vamos embora com Deus...

Andorinha, andorinha,  
Andorinha avoou,  
Foi subindo pro céu,  
Curumim carregou.

— Assegura bem, menino,  
Não olha pra baixo não.  
Não tem sodade do mundo  
Que o mundo é só perdição.

E avoando avoando  
Afinal se chegou.  
Andorinha desceu.  
Curumim apeou.

Abriu os olhos e viu.  
Era o céu... oh boniteza!  
Tinha espingarda gangorra  
Estilingue... Tinha bichos  
E tinha tantas surpresas  
Que era mesmo um desperdício.

Olha um cachorro janguar!  
Olha a ave seriema!  
Olha aquelas três-marias  
Da gente bolear nhandus!...  
Era que nem um pomar  
Com tanta fruta aromando  
Que o ar ficava que ficava  
Bonzinho de respirar.



O curumim caminhava  
Seguindo os postes da linha,  
Lá pelo varjão se ouvia  
Duma fordeca a chispada,  
E no meio-dia quente  
Amulegando maneiro  
Um aboio tão chorado  
Que acuava no corpo doce  
O sono do brasileiro.

Tinha mandioca e assai  
Mate cana arroz café  
Muita banana e feijão  
Milho cacau... Tinha até  
Pra lá do cercado novo  
Cheio de taperebás  
Um rancho do nosso povo  
Com seu mastro de São João.

No galpão um homem comprido  
Duma quente morenez,  
Com a pele bem sapecada  
Pelo Sol deste país,  
Gemia uma sanfona  
ũa mazurca tão linda  
Que si parava um bocado  
O ouvido cantava ainda.

O menino olhou pro homem  
E gritou: — B'as tarde, tio!  
— Meu sobrinho, entra no rancho,  
Nossa gente já está aí.

E o piá se rindo matava  
Saudades do coração.  
Tomava a benção da mãe,  
Do pai, abraçava o irmão,  
Afimal topou com o primo  
Que era unha-e-carne com ele



E comovidos os dois,  
Os dois se deram a mão.  
E foram brincar pra sempre  
Pelos pagos abençoados  
Do meio-dia do céu.

No céu sempre é meio-dia...  
Não tem noite, não tem doença  
E nem outra malvadez...  
A gente vive brincando...  
E não se morre outra vez.

**COCO DO MAJOR**  
(RIO GRANDE DO NORTE)  
A ANTÔNIO BENTO DE ARAÚJO LIMA

O major Venâncio da Silva  
Guarda as filhas com olho e ferrolho,  
Que vidinha mais caningada  
— seu mano —  
Elas levam no engenho do velho!

Nem bem a arraiada sonora  
Vem tangendo as juremas da estrada  
Já as três se botam na renda  
— seu mano —  
Trequetreque de bilros, mais nada.

Vai, um mocetão paroara  
Destorcido porém sem cabeça  
Apostou num coco da praia  
— seu mano —  
Que daria uma espiada nas moças

Pois a fala do lambanceiro  
Foi parar direitinho no ouvido  
Do major Venâncio da Silva



— seu mano —  
Que afinal nem se deu por achado.

Bate alguém na sede do engenho.  
— Seu major, ando morto de sede,  
Por favor me dê um copo de água...

— seu mano —  
— Pois não, moço! Se apeie da égua.

Dois negrões agarram o afoito,  
O major assobia pra dentro.  
Vêm três moças lindas chorando

— seu mano —  
Com quartinhas de barro cinzento.  
— Esta é minha filha mais velha,  
Beba, moço, que essa água é de sanga.  
E os negrões obrigam o pobre

— seu mano —  
A engolir a primeira moringa.  
— Esta é minha filha do meio,  
Beba, moço, que essa água é do corgo.  
E os negrões obrigam o pobre

— seu mano —  
A engolir a moringa, já vesgo.

— Esta é minha filha mais nova,  
Beba, moço, que essa água é de corgo.  
E os negrões afogam o pobre  
— seu mano —  
Que adubou os faxeiros do monte.

O major Venâncio da Silva  
Tem as filhas mais lindas do norte  
Mas ninguém não viu as meninas  
— seu mano —  
Que ele as guarda com água de pote.



## **MODA DA CADEIA DE PORTO ALEGRE** A MARIO PEDROSA

Dona Rita amouxa em casa  
Uma porção de riqueza  
Que o marido, que Deus tenha!  
Por amor dela ajuntou.  
A riqueza de que falo  
É cobres, porque dos filhos S  
ó um mocinho não gorou.  
Apesar dessa família  
Já grande em pleno viçor,  
Quando ela pensa em gatunos  
Corre pela espinha dela  
Uma friagem de horror. T

ambém não tem na cidade  
Correição de segurança  
Adonde gatuno que entra  
Perde pra sempre a esperança  
De outra vez ir gatunar.  
Dona Rita passa as noites  
Sem dormir, sem descansar.  
Qualquer barulhinho a pobre  
Levanta, vai assuntar.

Pois então ela resolve,  
Gasta mas gasta pra bem:  
Faz construir uma cadeia  
Que mais segura não tem  
Por este grande Brasil.

Era mesmo um casarão  
Alvo que nem tabatinga,  
Com tanta grade tamanha  
Que apertava o coração.

Toda a gente ia passear  
Lá no largo da Cadeia



Mas porém se espera um preso  
Pra estreia da correição.

Agora o filho entra tarde.  
Dona Rita sossegada  
Costura, pesponta meias  
Enquanto sono não vem.  
Só de pensar na cadeia  
Dona Rita dorme bem.

Foi então que numa festa  
Já quase de-manhãzinha  
O filho de dona Rita  
Botou seis tiros no peito  
De outro moço, rival dele  
Nuns negócios de paixão.

Estrearam a correição.  
Dona Rita não foi ver.

Definha que não definha,  
Durou uns pares de meses,  
Afinal veio a morrer.

Falam também que de-noite  
O carcereiro rondando  
Escuta pelo caminho  
O choro de dona Rita  
Gemendo devagarzinho...

Mas isso de assombração  
Só quem vê é que acredita...

### **PAISAGEM N.º 5**

De-dia um Solzão de matar taperá  
Passeou na cidade o fogo de Deus.



Os paulistas andaram que nem caçaremas tontas  
Daqui pra ali buscando as sombras de mentira.  
Mas agorinha mesmo deram às vinte horas.  
De já-hoje quando a noite agarrou empurrando a luz quente pra  
trás do  
horizonte  
Brisou uma friagem de inverno refrescando os praceanos e a  
cidade rica.  
As famílias pararam de suar.  
Janelas abertas e portas abertas em todas as casas.  
Se boia, se conversa descansado.  
Nas varandas portas terraços escuros  
Acende apagam os vaga-lumes dos cigarros.  
  
Todas as bulhas se ajuntam num riso feliz.  
  
Faz gosto a gente andar assim atôa  
Reparando na calma da sua cidade natal.

### **MODA DA CAMA DE GONÇALO PIRES**

Gonçalo Pires possui uma cama,  
Em nossa vila não tem mais nenhuma,  
Gonçalo Pires se dá um estadão,  
Só ele na terra dorme gostoso  
Em traste bonito de estimação.  
  
Delem! dem! dem!... O Sr. Ouvidor,  
Representante de Felipe IV,  
Já vem subindo pelo Cubatão.  
O dr. Antônio Rebello Coelho  
Vem nesta vila fazer correição.  
  
Delem! dem! dem!... São Paulo nos acuda!  
Se agita a Municipalidade,  
Ouvidor-geral não dorme no chão!  
Gonçalo Pires não quer emprestar  
Cama cobertor lençol e colchão.





Mas os vereadores são bons paulistas  
E Francisco Jorge, o procurador,  
Recebe da Câmara autorização:  
Trará a cama de Gonçalo Pires,  
Ele que deixe-se de mangação!

Gonçalo Pires resmunga, peleja,  
Mas a autoridade é da Autoridade,  
Lá vêm pelas ruas em procissão,  
Cobertos de olhos relampeando inveja  
Cama cobertor lençol e colchão.

Que úmido frio... Das várzeas em torno  
Na noite vazia que não tem fim  
Dissolve as casinhas a cerração...  
O Ouvidor-geral sonha em cama boa  
E Gonçalo Pires dorme no chão.

Delem! dem! dem!... O Ouvidor vai-se embora.  
Sai mais festejado que quando entrou...  
A Câmara impa de satisfação.  
Mas os vereadores são bons paulistas:  
— Que entregue-se a cama com prontidão.

Gonçalo Pires rejeita o bem dele.  
Não dorme em cheiro de ouvidor-geral!...  
Se reúne a Câmara em nova sessão.  
— Lave-se o lansol! indica o notário.  
Qual! Gonçalo empaca na rejeição.

Sete anos levam nessa pendenga  
A Câmara paulista e Gonçalo Pires,  
Paulista emperrando, não cede não.  
E a história não sabe que fim levaram  
Cama cobertor lençol e colchão.



## **DOIS POEMAS ACREANOS**

*A RONALD DE CARVALHO*

### **I**

#### **DESCOBRIMENTO**

Abancado à escrivaninha em São Paulo  
Na minha casa da rua Lopes Chaves  
De supetão senti um friúme por dentro.  
Fiquei tremulo, muito comovido  
Com o livro palerma olhando pra mim.  
Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito longe  
de mim  
Na escuridão ativa da noite que caiu  
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,  
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,  
Faz pouco se deitou, está dormindo.  
  
Esse homem é brasileiro que nem eu.

### **II**

#### **ACALANTO DO SERINGUEIRO**

Seringueiro brasileiro,  
Na escuriza da floresta  
Seringueiro, dorme.  
Ponteando o amor eu forcejo  
Pra cantar uma cantiga  
Que faça você dormir.  
Que dificuldade enorme!  
Quero cantar e não posso,  
Quero sentir e não sinto  
A palavra brasileira  
Que faça você dormir...  
Seringueiro, dorme..



Como será a escuridão  
Desse mato-virgem do Acre?  
Como serão os aromas  
A macieira ou a aspereza  
Desse chão que é também meu?  
Que miséria! Eu não escuto  
A nota do uirapuru!...  
Tenho de ver por tabela,  
Sentir pelo que me contam,  
Você, seringueiro do Acre,  
Brasileiro que nem eu.  
Na escuridão da floresta  
Seringueiro, dorme.

Seringueiro, seringueiro,  
Queria enxergar você...  
Apalpar você dormindo,  
Mansamente, não se assuste,  
Afastando esse cabelo  
Que escorreu na sua testa.  
Algumas coisas eu sei...  
Troncudo você não é.  
Baixinho, desmerecido,  
Pálido, Nossa Senhora!  
Parece que nem tem sangue.  
Porém cabra resistente  
Está ali. Sei que não é Bonito nem elegante...  
Macambúzio, pouca fala,  
Não boxa, não veste roupa  
De palm-beach... Enfim não faz  
Um desperdício de coisas  
Que dão conforto e alegria.

Mas porém é brasileiro,  
Brasileiro que nem eu...  
Fomos nós dois que botamos  
Pra fora Pedro II...  
Somos nós dois que devemos  
Até os olhos da cara



Pra esses banqueiros de Londres...  
Trabalhar nós trabalhamos  
Porém pra comprar as pérolas  
Do pescoçinho da moça Do deputado Fulano.  
Companheiro, dorme!  
Porém nunca nos olhamos  
Nem ouvimos e nem nunca  
Nos ouviremos jamais...  
Não sabemos nada um do outro,  
Não nos veremos jamais!

Seringueiro, eu não sei nada!  
E no entanto estou rodeado  
Dum despotismo de livros,  
Estes mumbavas que vivem  
Chupitando vagarentos  
O meu dinheiro o meu sangue  
E não dão gosto de amor...  
Me sinto bem solitário  
No mutirão de sabença  
Da minha casa, amolado  
Por tantos livros geniais,  
“Sagrados” como se diz...  
E não sinto os meus patrícios!  
E não sinto os meus gaúchos!  
Seringueiro, dorme...  
E não sinto os seringueiros  
Que amo de amor infeliz...

Nem você pode pensar  
Que algum outro brasileiro  
Que seja poeta no sul  
Ande se preocupando  
Com o seringueiro dormindo,  
Desejando pro que dorme  
O bem da felicidade...  
Essas coisas pra você  
Devem ser indiferentes,  
Duma indiferença enorme...



Porém eu sou seu amigo  
E quero ver si consigo  
Não passar na sua vida  
Numa indiferença enorme.  
Meu desejo e pensamento  
(...numa indiferença...)  
Ronda sob as seringueiras  
(...numa indiferença enorme...)  
Num amor-de-amigo enorme...

Seringueiro, dorme!  
Num amor-de-amigo enorme  
Brasileiro, dorme!  
Brasileiro, dorme.  
Num amor-de-amigo enorme B  
rasileiro, dorme.

Brasileiro, dorme,  
Brasileiro... dorme...

Brasileiro... dorme...



Compilación de Obras  
José María Heredia

© Universidad Autónoma del  
Estado de México, 2016 Instituto  
Literario núm. 100,  
colonia Centro, C.P. 50000,  
Toluca de Lerdo, Estado de  
México

El presente texto es un derivado de una obra en dominio público.  
Recuperado de wikisource: <https://es.wikisource.org/>

Esta obra está sujeta a una licencia Creative Commons, Atribución  
2.5

México (cc by 2.5). Para ver una copia de la licencia visite  
<http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/mx>. Puede ser  
utilizada con fines educativos, informativos o culturales, siempre  
que se cite la fuente. Disponible para su acceso abierto en  
<http://ri.uaemex.mx/>

## Compilación de Obra II José María Heredia



## José María Heredia

De origen cubano, nace el 31 de diciembre de 1803, por el trabajo de su padre, Francisco Heredia Mieses, Oidor y Regente de la Real Audiencia de Caracas, se muda a Venezuela en 1810 para regresar en 1818 a Cuba, año en el que inicia sus estudios de Leyes en la Universidad de La Habana. En 1819, se establecen en México donde continúa sus estudios, sin embargo, la muerte de su padre en 1820, Heredia regresa con su madre y hermanas a Cuba.

En 1823, se ve envuelto en la conspiración «Soles y Rayos de Bolívar» por lo que se ve obligado a marcharse a Estados Unidos, país del que admiraba sus instituciones políticas; en este periodo de tiempo contrajo tuberculosos, enfermedad que dieciséis años después le costaría la vida. Durante su exilio, escribe la «oda al Niágara» y publica la primera edición de sus poemas.

En 1825, aceptó la invitación el presidente de México Guadalupe Victoria y regresa a México. Durante los nueve que permaneció en el Estado de México fue periodista, diputado y magistrado además de bibliotecario, maestro y director del Instituto Científico y Literario cargo que desempeñó poco más de un año.





De origen cubano, nace el 31 de diciembre de 1803, por el trabajo de su padre, Francisco Heredia Mieses, Oidor y Regente de la Real Audiencia de Caracas, se muda a Venezuela en 1810 para regresar en 1818 a Cuba, año en el que inicia sus estudios de Leyes en la Universidad de La Habana. En 1819, se establecen en México donde continúa sus estudios, sin embargo, la muerte de su padre en 1820, Heredia regresa con su madre y hermanas a Cuba.

En 1823, se ve envuelto en la conspiración «Soles y Rayos de Bolívar» por lo que se ve obligado a marcharse a Estados Unidos, país del que admiraba sus instituciones políticas; en este periodo de tiempo contrajo tuberculosos, enfermedad que dieciséis años después le costaría la vida. Durante su exilio, escribe la «oda al Niágara» y publica la primera edición de sus poemas.

En 1825, aceptó la invitación el presidente de México Guadalupe Victoria y regresa a México. Durante los nueve que permaneció en el Estado de México fue periodista, diputado y magistrado



además de  
bibliotecario,  
maestro y director  
del Instituto  
Científico y Literario  
cargo que  
desempeñó poco más de un año.



# HUMANISMO QUE TRANSFORMA